

## **EXEGESE DO NOVO TESTAMENTO A PARTIR DO MÉTODO HISTÓRICO-GRAMMATICAL**

### **NEW TESTAMENT EXEGESIS FROM THE HISTORICAL-GRAMMATICAL METHOD**

*Claiton André Kunz<sup>1</sup>*

#### **RESUMO**

O presente artigo procura apresentar de forma clara e objetiva um método de estudo e exegese do texto do Novo Testamento. Embora o método histórico-grammatical seja utilizado por muitos exegetas e estudiosos das Escrituras, são poucos os escritos que apresentam de forma sistematizada os passos deste método. A descrição a seguir de forma alguma procura ser cabal ou definitiva a respeito do assunto, podendo e devendo ser ampliada. Assim sendo, procura-se contribuir para que a lacuna supracitada possa ser aos poucos preenchida.

**Palavras-chaves:** Exegese. Hermenêutica. Novo Testamento.

#### **ABSTRACT**

The present article seeks to present in a clear and objective manner the methodical study and exegesis of The New Testament text. Although the historical-grammatical method is used by many exegetes and Scholars of the

---

<sup>1</sup> O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista de Ijuí (atual Faculdade Batista Pioneira), mestre em Novo Testamento pela FTBSP, mestre e doutor em Teologia (ênfase em Bíblia) pela EST / São Leopoldo. É diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS), professor convidado do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades Batista do Paraná e professor convidado Masters of Theological Studies do Southeastern Baptist Theological Seminary / EUA. E-mail: [claiton@batistapioneira.edu.br](mailto:claiton@batistapioneira.edu.br)

Scriptures, there are few writings that present in a systematized fashion the steps of this method. The following description does not try to be in some way the exact or definitive treatise on the subject, but it can be and should be expanded on in further work. Therefore, it seeks to contribute to the something which can be added later by others.

**Keywords:** Exegesis. Hermeneutic. New Testament.

## INTRODUÇÃO

O método histórico-gramatical tem por objetivo achar o significado de um texto sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples, à luz do contexto histórico em que foram escritas. A interpretação é executada de acordo com regras gramaticais e semânticas comuns à exegese de qualquer texto literário, baseada na situação do autor e do leitor de seu tempo.<sup>2</sup> Shedd, citando E. D. Hirsch, afirma que “a interpretação autorizada não pode fugir da intenção do autor”.<sup>3</sup> É claro que isto não significa uma leitura superficial do texto. Este tipo de exegese demanda um conhecimento dos antecedentes linguísticos, históricos, culturais e geográficos da passagem.

Muller, em termos simples e objetivos, propõe três estágios para o método: observação (o que *diz* o texto), interpretação (o que *quer dizer* o texto) e aplicação (o que o texto quer dizer *para nós*).<sup>4</sup>

Este método teve seus antecedentes na Escola de Interpretação de Antioquia, no século IV (Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo), e foi posteriormente revitalizado durante a Reforma, no século XVI. Tanto Lutero como Calvino insistiram em que a função do intérprete é expor o texto em seu sentido literal, a não ser que a natureza do seu conteúdo exija uma interpretação diferente (figurada).<sup>5</sup>

De acordo com Lutero, uma interpretação adequada da Escritura deve proceder de uma compreensão literal do texto. O intérprete deve considerar em sua exegese as condições históricas, a gramática e o contexto. Lutero acreditava também que a Bíblia é um livro claro (a perspicuidade da Escritura).<sup>6</sup> Para Calvino, “a primeira tarefa do intérprete é deixar que o autor diga o que ele de fato diz, em vez de atribuir-

<sup>2</sup> MARTÍNEZ, José M. *Hermeneutica bíblica*. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. p. 121.

<sup>3</sup> SHEDD, Russell P. *Heremênutica bíblica*. In: *VOX SCRIPTURAE*. 1:2, set. 1991. p. 5.

<sup>4</sup> MÜLLER, E. In: FEE, G. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 281-282.

<sup>5</sup> MARTINEZ, 1984, p. 122.

<sup>6</sup> VIRKLER, H. A. *Heremênutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. 2. ed. São Paulo: Vida, 1998. p. 48.

lhe o que pensa que ele deva dizer”.<sup>7</sup> Zuck faz a seguinte afirmação:

Quando os reformadores (Martinho Lutero, Philip Melanchton, João Calvino, Ulrich Zuínglio e outros) acentuaram a necessidade de retorno às Escrituras, eles ressaltaram a interpretação histórica, gramatical. Com histórica, estavam-se referindo ao contexto em que os livros da Bíblia foram escritos e às circunstâncias em jogo. Com ‘gramatical’, referiam-se à apuração do sentido dos textos bíblicos mediante estudo das palavras e das frases em seu sentido normal e claro.<sup>8</sup>

Os movimentos pietistas (séc. XVII e XVIII) uniram um profundo desejo de entender a Palavra de Deus e apropriar-se dela para as suas vidas com uma excelente apreciação do método histórico-gramatical.<sup>9</sup> Mais recentemente, o método tem sido reafirmado como uma reação ou alternativa em relação ao método histórico-crítico, que foi intensamente difundido no século XX.

A presente pesquisa procura descrever os passos usados pelo método histórico-gramatical, não se preocupando em fazer uma apologia do mesmo e, sim, apenas uma descrição dos passos do método. Igualmente, não será um estudo exaustivo do assunto, mas dará algumas indicações gerais, tendo em vista a amplitude do assunto. Sentiu-se a dificuldade de haver poucos autores que descrevem o método de forma completa. Muitos deles apenas o citam ou o praticam, sem esboçar minuciosamente os seus passos. Da forma como ele será descrito, na presente pesquisa, não se destina a leigos, mas, sim, para a comunidade acadêmica. Embora alguns passos possam ser executados por leigos, muitos outros pressupõem conhecimentos mais técnicos, como o acesso às línguas originais, conhecimento de crítica textual, análise morfológica, etc.

No decorrer da pesquisa, poderão ser encontradas citações de autores que não necessariamente se identificam com o método histórico-gramatical. Serão, entretanto, citados devido ao fato de vários passos da exegese serem comuns a diversos métodos.

## I. TEXTO

O primeiro passo do método histórico-gramatical é o conhecimento e o estabelecimento do texto que será utilizado para estudo. Para este primeiro passo sugere-se os seguintes procedimentos:

<sup>7</sup>VIRKLER, 1998, p. 49.

<sup>8</sup>ZUCK, Roy. *A interpretação bíblica*. Tradução de César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 88.

<sup>9</sup>VIRKLER, 1998, p. 50.

## 1.1 Visão geral

Significa familiarizar-se com as *palavras do texto*, lendo-as várias vezes, em diferentes versões em português e também na língua original. Significa também se familiarizar com a *linha de pensamento do texto*, observando como a narrativa ou argumentação é desenvolvida. A forma de desenvolver este passo é por meio da observação, o que alguns autores também chamam de “primeira aproximação ao texto”.

O propósito da observação no estudo de um texto é “saturar-se” do conteúdo da passagem, ficar tão familiarizado quanto possível com tudo o que o escritor bíblico está dizendo, explícita ou implicitamente. É necessário também aprender a discernir o que é e o que não é importante na passagem em estudo.

Sugere-se aqui o uso de algumas questões básicas. O intérprete deve perguntar sobre o texto: a) *Quem?* Quais são as pessoas envolvidas?; b) *O quê?* Que sucedeu? Que ideias estão envolvidas? Quais os resultados?; c) *Onde?* Onde isso teve lugar? Qual é a localização geográfica deste fato?; d) *Quando?* Quando isto aconteceu? Qual é o fundo histórico?; e) *Por quê?* Por que isso aconteceu? Qual o propósito ou razão disto? e f) *Como?* Como foi realizado? Com que eficiência? Com que rapidez? Por qual método?

Deve-se também tentar descobrir as palavras-chaves do texto, a forma ou estrutura da passagem, as comparações e os contrastes, a progressão de uma cadeia de ideias, o uso de repetições, o uso de ilustrações ou explicações no próprio texto, etc.

Outro exercício interessante, neste primeiro passo da visão geral, é dispor-se para mudar o ponto de vista em relação ao texto, olhando de diferentes perspectivas (do autor, do destinatário, de um e outro personagem do texto, etc.).

## 1.2 Delimitação

Delimitar o texto significa determinar os limites da passagem, identificando a unidade do pensamento. O resultado desta delimitação chama-se “perícope”. Em geral as Bíblias já trazem as divisões dos textos em perícopes, embora o texto original não as contenha. Muitas vezes estas divisões são felizes. Em outras tantas, entretanto, o trabalho editorial dos tradutores incorre em dois tipos de erros: a) *Quebrar uma unidade textual*, isolando assim versículos do seu contexto e b) *Manter dois assuntos diferentes dentro da mesma perícope*, que é o problema contrário ao anterior.

Para evitar estes problemas, deve-se fixar alguns critérios para a delimitação de um texto. Cássio Murilo Dias da Silva, em seu livro *Metodologia de exegese bíblica*, faz

um estudo sobre os elementos que indicam o início de uma perícopé, elementos que indicam o término da mesma, e ainda elementos que podem aparecer no decorrer de uma perícopé. A seguir, de forma breve, são apresentados estes elementos:

### 1.2.1 Elementos que indicam o início de uma perícopé

Podem ser indicadores de uma nova perícopé os seguintes elementos: a) *Tempo e espaço*: o tempo pode indicar o início, a continuação, a conclusão ou a repetição de um episódio. Da mesma forma, o espaço localiza fisicamente a ação e dá noção de movimento (Mt 2.1; 4.1; 8.5; Mc 16.1; Lc 1.5); b) *Personagens*: uma nova perícopé pode iniciar com a chegada, a percepção ou a mera aparição de um novo personagem, ou com a atividade de alguém inativo até aquele momento (Mc 7.1; Lc 1.26); c) *Argumento*: uma nova perícopé pode ser identificada pela mudança de assunto, muitas vezes introduzida por “finalmente...”, “quanto a...”, “a propósito de...” (1Co 12.1; 2Tm 4.6); d) *Anúncio do tema*: alguns textos retóricos anunciam ao término de uma argumentação os assuntos que serão tratados a seguir (Hb 2.17-18 c/ 3.1 - 5.10); e) *Título*: em alguns lugares felizmente têm-se os títulos dos próprios autores (Ap 2.1,8,12); f) *Vocativo e/ou novos destinatários*: um vocativo explicita a quem tais palavras são dirigidas, que podem ser os mesmos de até então (Gl 3.1; 1Jo 4.1,7), ou novos destinatários (Ap 2.1,8,12); g) *Introdução ao recurso*: quando o próprio texto introduz a fala de um novo personagem (Lc 15.3,8,11) e h) *Mudança de estilo*: pode acontecer passando de um discurso para uma narrativa (Mt 10.4-5), da prosa para a poesia (Fp 2.5-6) ou da poesia para a prosa (Mt 11.1-2).<sup>10</sup>

### 1.2.2 Elementos que indicam o término de uma perícopé

Por sua vez, os elementos que indicam o término de uma perícopé são: a) *Personagens*: o número de personagens pode ser multiplicado, obscurecendo o foco (Mc 1.45; Lc 5.15), ou mesmo reduzido, provocando uma mudança de focalização (Mc 9.28; Mt 17.19); b) *Espaço*: uma narrativa pode ficar desfocada quando há um deslocamento do tipo partida (Mt 21.17) ou uma extensão (Mc 1.39); c) *Tempo*: pode acontecer uma expansão do tempo que dispersa nossa atenção (At 10.48) e o chamado “tempo terminal” no qual o autor dá a narrativa por concluída (Jo 13.30); d) *Ação do tipo partida*: normalmente o personagem central sai de cena, separando-se dos demais (Mc 8.13); e) *Ação terminal*: são aquelas ações ou reações decorrentes do

<sup>10</sup> SILVA, Cássio Murilo Dias da. Metodologia de exegese bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 70-72.

episódio narrado (Mt 9.8); f) *Ruptura do diálogo*: frequente em controvérsias, onde o último a falar é o vencedor; é o clímax da discussão (Lc 14.5-6); g) *Comentário*: o narrador interrompe sua exposição para fazer observações que dão sentido ao relato (Jo 2.21-22) e h) *Sumário*: o autor interrompe a narrativa para apresentar de modo resumido o que acabou de expor (Jo 8.20; Lc 2.51-52).<sup>11</sup>

### 1.2.3 Elementos que aparecem ao longo da perícopes

Alguns dos elementos que podem aparecer do corpo de uma perícopes são: a) *Ação*: aparece como o núcleo de uma perícopes (narrativa), com indicações de tempo, espaço e personagens (Mc 6.17); b) *Campo semântico*: grupo de palavras cujos significados estão relacionados, por terem uma referência comum (tema, ideia, ambiente). Um exemplo no AT é o texto de Gn 22.6-10, que utiliza o campo semântico “sacrifício”: lenha, fogo, cutelo, altar, cordeiro, etc.; c) *Intercalação*: a ação iniciada é interrompida para ser retomada mais a frente. Temos como consequência um episódio dentro do episódio, como se fosse um sanduíche (Mc 3.20-21 e 30-31) e d) *Quiasmos*: quando uma sequência de palavras, frases ou ideias reaparecem de forma invertida. Várias perícopes podem estar agrupadas de forma quiástica (Lc 9-18 - narrativa da viagem).<sup>12</sup>

## 1.3 Crítica textual

Nos dias atuais não existe nenhum manuscrito original dos livros do Antigo ou do Novo Testamento. O que existe são cópias, entre as quais constam muitas diferenças, que são chamadas de variantes. Como o processo de cópia no princípio era totalmente manual, não é de estranhar que haja estas diferenças. Na maioria dos casos os erros eram involuntários por parte dos copistas. Às vezes liam errado o texto, outras vezes não compreendiam o texto lido ou ainda esqueciam algo entre o momento da audição e do registro. Além destes erros involuntários, pode-se perceber algumas tentativas de correção de erros em cópias anteriores.

No Antigo Testamento, a quantidade de variantes não é muito grande, devido ao trabalho minucioso dos escribas e posteriormente dos massoretas. Já quanto ao Novo Testamento, a quantidade de variações nos manuscritos gregos é muito grande. Isto se deu porque nos primeiros séculos a igreja sofreu grande perseguição, sendo que as cópias tinham de ser feitas por escribas amadores. A maior parte dos manuscritos que restaram são cópias do período medieval.

<sup>11</sup> SILVA, 2000, p. 72-73.

<sup>12</sup> SILVA, 2000, p. 74-75.

Este grande número de variantes dificulta o trabalho dos tradutores. Primeiramente precisa-se decidir quanto ao texto original. A disciplina que se ocupa com este trabalho é a Crítica Textual. Seu objetivo é restaurar o texto original. Além dos manuscritos gregos que ainda se tem acesso, os estudiosos empregam também antigas traduções na tentativa de restaurar o texto original. Algumas destas traduções são mais antigas que os próprios manuscritos gregos existentes. O trabalho então passa a ser uma retradução para o grego. Outras fontes de pesquisa são as citações feitas por escritores cristãos antigos, na sua maioria também anteriores aos manuscritos gregos existentes.

Quanto ao método utilizado na crítica textual, existem as evidências externas e internas. Em relação às evidências externas, geralmente se dá preferência à leitura variante que tenha confirmação mais antiga, a confirmação mais difundida no aspecto geográfico e a confirmação dos tipos de texto mais confiáveis. Um tipo de texto é um grupo de manuscritos, versões e citações antigos em grego que tenham muito em comum. O tipo considerado mais confiável é o alexandrino, que surgiu em Alexandria (Egito) entre 180 e 700. A data antiga e as evidências internas são fatores da sua preferência. Outro tipo é o ocidental, surgido em meados do século II.

O tipo bizantino surgiu, no Império Bizantino, durante a Idade Média (século IV, os mais antigos). É compreensível que a maioria dos manuscritos venha a partir desta data devido à perseguição da igreja em épocas anteriores. Assim, 90% dos manuscritos são deste tipo. Possuem uma semelhança entre si muito maior do que qualquer outro tipo. Foi praticamente o único difundido na Europa no século XVI, e por isso o único usado por Erasmo na publicação do Novo Testamento Grego em 1516, que se tornou base para o *Textus Receptus* (texto recebido). Este texto dominou até 1881, quando Westcott e Hort demonstraram sua inferioridade.

Quanto às evidências internas, dá-se preferência à leitura mais curta onde parece haver mudanças deliberadas (pois parece que os escribas eram mais relutantes em omitir alguma coisa do que em acrescentar para tentar corrigir). Outro critério é dar preferência à leitura diferente de passagem paralela (pois os escribas tendiam a eliminar aparentes contradições). Por fim, dá-se preferência à leitura, caso seja julgada original, que explique melhor a origem das outras.

Para a Crítica Textual de um texto, são necessários o texto no original (com o aparato crítico) e algum manual de auxílio para a identificação do aparato e avaliação do mesmo. Para o estudo da Crítica Textual do Novo Testamento, sugere-se o *Novum Testamentum Graece* (28ª edição de Nestle-Aland) ou o *The Greek New Testament* (4ª edição

da Sociedade Bíblica Unida). Ambos os textos trazem o aparato crítico. Wilson Paroschi desenvolveu um interessante estudo a respeito da Crítica Textual, *Origem e transmissão do texto do Novo Testamento*, que se constitui, com certeza, numa excelente ferramenta para esta análise. Igualmente importante é a obra de Kurt Aland e Barbara Aland, *O texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual*. Uwe Wegner, em sua obra *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*, reserva um capítulo completo para a crítica textual, no qual apresenta o aparato e o funcionamento de ambas as edições do texto grego. Recentemente foi lançada em português a obra *Variantes textuais do Novo Testamento*, de Roger L. Omanson, que analisa e avalia todas as variantes do texto neotestamentário.

#### 1.4 Tradução

A tradução “é simplesmente a transposição de uma composição literária de uma língua para a outra”.<sup>13</sup> Elliot afirma que as metas de uma tradução podem ser resumidas em quatro aspectos: exatidão, adaptação, naturalidade e forma. O autor explica:

Na ‘exatidão’, a mensagem ou conteúdo que o autor pretendeu comunicar no documento original deve ser transmitida de maneira que o leitor da tradução receba a mesma mensagem. A ‘adaptação’ diz respeito a expressar essa mensagem em um estilo que reflita a atitude e intenção do autor. ‘Naturalidade’ significa traduzir de modo que o leitor sinta que sua língua foi empregada como ele a usaria, de uma maneira que lhe permita ler pelo seu significado. A ‘forma’ na qual o original foi escrito deve estar retratada na tradução, se isso puder ser feito sem distorcer a exatidão, a adaptação e a naturalidade.<sup>14</sup>

Em termos práticos, para a tradução de um texto pode-se utilizar tabelas de tradução, conforme modelo ao lado, que apresentam diversas vantagens. A tabela a seguir facilita a tradução e a exatidão nas análises da tradução do texto grego:

<sup>13</sup> GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica*: como a Bíblia chegou até nós. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997. p. 183.

<sup>14</sup> ELLIOT, R. Tradução da Bíblia. In: COMFORT, Philip Wesley (Edit.). *A origem da Bíblia*. Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. p. 321. Todo o capítulo sobre a tradução da Bíblia merece ser considerado (p. 321-359).

TABELA DE TRADUÇÃO											Texto: João 13.34	
V	Forma no Texto	Categoria	Tempo	Modo	Voz	Pe	Nº	Caso	Gn	Uso/Significado	Forma Léxica	Tradução
34	ἐντολήν	Subst					S	Ac	F	mandamento, ordem, decreto	ἐντολή	Mandamento
	καινήν	Adjct					S	Ac	F	novo	καινός	novo
	δίδομι	Verbo	Pres	Ind	At	1	S			dar, conceder	δίδομι	estou dando
	ὑμῖν.	Pron. Press.				2	P	LIID		vós	ὑμεῖς	a vós
	ἵνα	Conj.								que, a fim de que, de modo que	ἵνα	a fim de que
	ἀγαπάτε	Verbo	Pres	Sub	At	2	P			amar	ἀγαπάω	vós ameis
	ἀλλήλους.	Pron. Rec.					P	Ac	M	uns aos outros	ἀλλήλων	uns aos outros,
	καθὼς	Advérb								assim como	καθὼς	assim como
	ἡγάπησα	Verbo	1 Aor	Ind	At	1	S			amar	ἀγαπάω	eu amei
	ὑμῶς	Pron. Press.				2	P	Ac		vós	ὑμεῖς	a vós
	ἵνα	Conj.								que, a fim de que, de modo que	ἵνα	que
	καί	Conj.								e, também	καί	também
	ὑμεῖς	Pron. Press.				2	P	Nom		vós	ὑμεῖς	VÓS
	ἀγαπάτε	Verbo	Pres	Sub	At	2	P			amar	ἀγαπάω	ameis
	ἀλλήλους.	Pron. Rec.					P	Ac	M	uns aos outros	ἀλλήλων	uns aos outros.

Exegese do Novo Testamento a partir do método histórico-gramatical

Algumas observações quanto a tabela e suas abreviaturas:

- v. = versículo do texto que está sendo traduzido
- Forma no texto = forma original no texto que está sendo traduzido
- Categoria = classe da palavra que está sendo analisada
- Temp. = tempo verbal, no caso de a palavra ser um verbo
- Mod. = modo em que o verbo se encontra
- Voz = voz do verbo (ativa, média ou passiva)
- P. = pessoa do verbo (primeira, segunda ou terceira)
- N. = número do verbo (singular ou plural)
- Cas. = caso em que a palavra se encontra (nominativo, acusativo, dativo, etc.).
- Gn. = gênero da palavra (masculino, feminino ou neutro)
- Uso/Significado = significados que a palavra pode ter ou algum aspecto especial da mesma
- Forma Léxica = a forma como a palavra é encontrada no dicionário
- Tradução = a partir da análise anterior, a tradução mais exata possível.

Para a tradução do texto grego, sugerem-se os seguintes materiais auxiliares:

- *The Greek New Testament* (4ª ou 5ª edição), da Sociedade Bíblica Unida
- *Novum Testamentum Graece* (27ª ou 28ª edição), da Deutsche Bibelgesellschaft
- *Novo Testamento interlinear grego-português*, de Wilson Scholz
- *O Novo Testamento grego analítico*, de Barbara e Timothy Friberg
- *The analytical lexicon to the Greek New Testament*, de William Mounce
- *Chave linguística do Novo Testamento grego*, de Fritz Rienecker e C. Rogers
- *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, de Lothar Coenen e Colin Brown (Edit.)
- *Léxico do Novo Testamento grego / português*, de Wilbur Gingrich e W. F. Danker
- *Léxico grego-português do Novo Testamento: baseado em domínios semânticos*, de Johannes Lown e Eugene Nida
- *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*, de Lourenço Stelio Rega e Johannes Bergmann
- *Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento*, de Antonio Renato Gusso
- *Gramática do Novo Testamento*, de Waldir Carvalho Luz
- *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*, de Uwe Wegner.

## 2. CONTEXTO

A consideração do contexto de uma perícopa em estudo apresenta três aspectos distintos: o estudo do contexto histórico, do contexto literário e do contexto cultural.

### 2.1 Contexto histórico

Observar o contexto histórico significa familiarizar-se com o contexto histórico geral, ou seja, perguntar-se por: autor (quem?), ocasião (quando?), lugar (onde?), destinatários (para quem?), relação entre eles, circunstâncias do momento, situação histórica que originou o escrito, tema principal do livro, ênfases principais, propósito do autor, etc.

Deve-se seguir todas as pistas que o texto oferece com relação a este aspecto. O objetivo é “refazer” a situação histórica em que o texto teve lugar o mais exatamente possível.<sup>15</sup> Para este passo, deve-se utilizar as introduções ao Novo Testamento, dicionários, enciclopédias bíblicas e as introduções a comentários bíblicos, que geralmente trazem este aspecto histórico do livro em questão.

### 2.2 Contexto literário

Verificar o contexto literário significa familiarizar-se com: (1) o contexto imediato (anterior e posterior) e (2) o contexto maior, fazendo um resumo dos mesmos, de maneira que o texto que será estudado se localize de forma natural dentro do seu contexto. Em poucas palavras, é verificar por que o autor inseriu determinado argumento exatamente neste ponto do seu escrito.

Gordon Fee afirma que para a consideração do contexto literário é necessário aprender a seguir o argumento do autor, como resposta ao problema descrito e descoberto no estudo do contexto histórico. É importante aprender a ler e pensar em PARAGRÁFOS. O que o autor quis dizer neste parágrafo? Qual é a razão de ser disto?<sup>16</sup>

### 2.3 Contexto cultural

Não levar em consideração o contexto cultural consiste num dos problemas mais graves na interpretação bíblica. É preciso levar em conta as frases e os parágrafos que antecedem e sucedem o versículo em questão e considerar o contexto cultural

<sup>15</sup> MÜLLER. In: FEE; STUART, 2011, p. 284.

<sup>16</sup> FEE; STUART, 2011, p. 39.

em que aquela passagem e até mesmo o livro inteiro foram escritos. É preciso esvaziar a mente de todas as ideias, opiniões e métodos modernos e procurar transportar-se para a época e o ambiente em que viviam os apóstolos e os profetas que escreveram o texto.

Que se quer dizer com cultura? *Cultura* é o “conjunto dos moldes de comportamento, crenças, instituições e valores espirituais e materiais característicos de uma sociedade”. Envolve o que as pessoas *pensam* (e, portanto, creem), *dizem*, *fazem* e *produzem*.<sup>17</sup> Quando o intérprete abre as Escrituras é como se ele estivesse entrando num país estranho.

Além dos quatro aspectos culturais (pensar [crer], falar, agir e produzir), Zuck alista mais 11 categorias de fatores culturais que podem influenciar na exegese e interpretação de um texto e que precisam ser observadas.<sup>18</sup> Política; Religião; Economia; Leis; Agricultura; Arquitetura; Vestimentas; Vida doméstica; Geografia; Organização militar e Estrutura social.

O desconhecimento de tais costumes pode levar a um entendimento errado do significado dos textos. Por isso, é extremamente importante considerar estas questões para uma interpretação coerente das Escrituras.

Finalmente, para verificar se os costumes bíblicos estão restritos a certas culturas ou se as transcendem, pode-se aplicar três questões: a) ver se o costume naquela cultura tem um significado diferente que na cultura atual; b) se o costume tem significado diferente, descobrir o princípio permanente que o norteia e c) verificar como este princípio pode ser expressado num equivalente cultural.<sup>19</sup>

Neste passo, algumas obras podem ajudar:

- *Usos e costumes dos tempos bíblicos*, de Ralph Gower
- *A vida diária nos tempos de Jesus*, de Henri Daniel-Rops
- *Manual dos tempos e costumes bíblicos*, de William L. Coleman
- *La vida y los tiempos de Jesus el Messias*, de Alfred Edersheim
- *Jerusalém no tempo de Jesus*: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário, de Joaquim Jeremias
  - *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, de Roland de Vaux
  - *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, de Lothar Coenen e Colin Brown (Edit.)

<sup>17</sup> ZUCK, 1994, p. 90.

<sup>18</sup> ZUCK, 1994, p. 92-103.

<sup>19</sup> ZUCK, 1994, p. 110.

- *As parábolas de Lucas*, de Kenneth Bailey
- *Festas e símbolos*, de Etienne Dahler
- *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*, de Manfred Lurker
- *O mundo do Antigo Testamento*, de Packer, Tenney e White Jr.
- *O mundo do Novo Testamento*, de Packer, Tenney e White Jr.
- *Vida cotidiana nos tempos bíblicos*, de Packer, Tenney e White Jr.
- *Imágenes verbales en el Nuevo Testamento*, de Archibald Thomas Robertson.

### 3. ANÁLISES

#### 3.1 Análise léxica

A análise léxica (ou lexicográfica) preocupa-se com o uso e o significado de uma determinada palavra no livro em que está sendo usada, em toda a Bíblia e, se possível, também fora dela. Preocupa-se também com o uso de palavras raras e de *hapax legômena*, bem como de palavras repetidas.

Gordon Fee lembra que em qualquer texto literário as palavras são o material básico de construção para se comunicar o significado. Deve-se recordar também que as palavras funcionam dentro de um contexto. Portanto, mesmo que a palavra possa ter um amplo significado, a tarefa da análise léxica na exegese é entender, com a precisão que for possível, o que o autor queria comunicar com o uso de certa palavra em determinado contexto.<sup>20</sup> Martínez concorda, afirmando que o hebraico do Antigo Testamento e o grego do Novo Testamento não são alheios à evolução semântica. Isso obriga o intérprete a considerar o *usus loquendi*, isto é, o significado que normalmente tinha uma palavra na linguagem comum, numa determinada época.<sup>21</sup>

A importância deste estudo é evitar alguns erros elementares que por vezes têm ocorrido nas interpretações. Assim seria possível evitar, por exemplo, que em inúmeros estudos e pregações as alfarrobas de Lc 15.16 fossem transformadas em “lavagem” (água com restos de comida para porcos), enquanto constituem apenas o fruto da alfarrobeira (bagas pretas e amargas que os porcos arrancavam de arbustos baixos - alfarrobeira selvagem que cresce nas pastagens do Oriente Médio).<sup>22</sup>

Alguns passos para a análise léxica podem ser os seguintes:

a) *Definir os termos e conceitos principais dentro do texto em questão*. Reconhecer as palavras,

<sup>20</sup> FEE, Gordon D. *Exegesis del Nuevo Testamento: manual para estudiantes y pastores*. Deerfield: Vida, 1992. p. 75.

<sup>21</sup> MARTÍNEZ, 1984, p. 137.

<sup>22</sup> BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 222.

mesmo que já conhecidas, que contenham conteúdo teológico; anotar as palavras que pareçam ser ambíguas e verificar as palavras que se repetem na mesma perícopo.

b) *Estabelecer o campo de significados destas palavras.* Verificar a história da palavra e seu desenvolvimento (com o auxílio de léxicos e dicionários); procurar o significado do termo no ambiente greco-romano e judeu contemporâneo; descobrir como a palavra é utilizada no restante da Bíblia ou, pelo menos, no mesmo Testamento e determinar como o autor usa a mesma palavra no restante dos seus escritos.

c) *Analisar o contexto com cuidado para determinar o significado mais provável na perícopo em estudo.* Verificar se o contexto ajuda a limitar as opções de significado e se o autor usa a palavra em conjugação ou contraste com outras palavras.<sup>23</sup>

### 3.2 Análise morfológica

A morfologia trata da flexão das palavras, ou seja, de como elas são formadas ou conjugadas. É evidente que a maneira como as palavras são formadas reflete seu significado. Tanto no grego como no hebraico, o sentido das palavras também é modificado por meio de suas flexões.

Assim, os *substantivos* que nomeiam algo podem estar no singular ou plural, apresentam um gênero e podem aparecer em diferentes graus (aumentativo, diminutivo). Os *pronomes* substituem um substantivo ou fazem referência a algo já citado. Os *adjetivos* modificam ou qualificam um substantivo. As *preposições* indicam a relação que as palavras têm umas com as outras. As *conjunções* indicam as relações de uma frase com a outra. Os *verbos* designam uma ação ou estado de alguma coisa, e apresentam uma infinidade de variações (de tempo, de voz, de modo). Os *advérbios* modificam ou caracterizam um verbo. E as *interjeições* exprimem estados de emoção.

Considerar todas estas possibilidades é a tarefa da análise morfológica, que por alguns autores é também chamada de análise gramatical. Müller afirma:

Em suma, procura-se entender as palavras na sua relação com as palavras mais próximas, compreender o significado das frases e da sua relação umas com as outras, para que se chegue à compreensão de todo o parágrafo ou período estudado.<sup>24</sup>

### 3.3 Análise estilística

A análise estilística se preocupa com a maneira pela qual o autor procurou dar maior expressividade, maior colorido, maior vivacidade ao seu texto. Estudar o estilo

<sup>23</sup> FEE, 1992, p. 76-77.

<sup>24</sup> MÜLLER. In: FEE; STUART, 2011, p. 283.

de um autor equivale estudar as chamadas “figuras”. Silva alista alguns dos estilos mais utilizados:<sup>25</sup>

a) *Polissíndeto e Assíndeto*: o *polissíndeto* é o uso exagerado da conjunção grega *kai* (e). Com isto o texto adquire continuidade, vivacidade e fluidez. Por outro lado, o *assíndeto* é a ausência de conjunções, assim cada expressão mantém sua própria independência e significação (Mc 4.35-31 e Ef 4.11).

b) *Poliptoto*: é a repetição da mesma palavra com diferentes flexões, sendo muito comum com verbos, nomes, pronomes e adjetivos. Tal figura tem uma função enfática (Mc 4.41).

c) *Pleonasmo*: designa o emprego de termos desnecessários, com finalidade enfática. Não acrescenta nada de novo, mas quer chamar a atenção do leitor (Mc 4.37; IJo 1.1).

d) *Merismo*: esta figura exprime a totalidade, mencionando as partes, geralmente os extremos (Mc 4.41b ⇒ vento e mar: dois elementos do caos primordial. Jesus não apenas acalmou uma brisa um pouco mais forte e conduziu uma travessia no mar da Galileia, mas mostrou seu poder sobre a totalidade do universo criado).

e) *Dualidade*: consiste em unir duas expressões com funções semelhantes (dupla indicação temporal, duplo imperativo, dupla afirmação, etc.). Muitas vezes a segunda esclarece a primeira, ou dela fornece detalhes (Mc 4.35,38,39,40).

f) *Quiasmo*: consiste em organizar o texto em dois períodos consecutivos, de modo que no segundo período reapareçam os mesmos elementos do primeiro, mas em ordem inversa. Neste texto (Mc 4.37-39) pode-se ver a seguinte estrutura:

A - Tempestade - lançava-se contra o barco  
 B - Jesus - estava dormindo  
 C - Discípulos - despertam Jesus  
 B' - Jesus - levantou-se e repreendeu  
 A' - Tempestade - cessou

g) *Paralelismo*: ocorre quando os elementos se repetem na mesma ordem. O mesmo texto (Mc 4.37-39) mostra esta estrutura:

A - Atividade - da tempestade  
 B - Inatividade - de Jesus  
 A' - Atividade - de Jesus  
 B' - Inatividade - da tempestade

h) *Hipérbole*: um exagero considerável, que visa causar impressão no leitor (Mc 4.37c).

<sup>25</sup> SILVA, 2000, p. 155-164. Zuck amplia esta discussão, alistando 25 figuras de linguagem que podem ser encontradas nos textos bíblicos (ZUCK, 1994, p. 174-188).

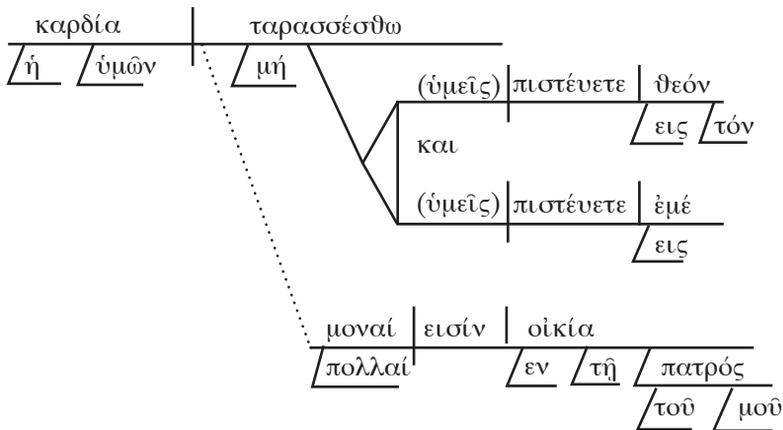
### 3.4 Análise sintática

A análise sintática é a parte da gramática que estuda a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si. Analisa, portanto, as diversas classes de palavras (sujeitos, verbos, adjetivos, advérbios, conjunções, orações subordinadas, frases, proposições, etc.) e as conexões entre elas.

Duas obras que podem auxiliar na análise sintática de um texto são *Fundamentos para exegese do Antigo Testamento: manual de sintaxe hebraica* e *Fundamentos para a exegese do Novo Testamento: manual de sintaxe grega*, ambas de Carlos Osvaldo Pinto. Nestas obras, o autor discute a sintaxe de cada classe de palavras, bem como faz uma proposta de diagramação sintática.<sup>26</sup>

Outro autor que expõe uma forma de análise sintática em forma de diagramação, para o grego, é William Sanford Lasor, em sua *Gramática sintática do grego do Novo Testamento* (p. 23ss). Lasor afirma que “não há nada melhor para ajudar a perceber a estrutura e o sentido de uma passagem do que a diagramação das orações”.<sup>27</sup>

A seguir, propõe-se um pequeno diagrama, a modo de exemplo. O texto de João 14.1ss diz: “Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas...” (RA).



<sup>26</sup> PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos para exegese do Novo Testamento: manual de sintaxe grega*. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 117-127.

<sup>27</sup> LASOR, William Sanford. *Gramática sintática do Novo Testamento*. Tradução de Rubens Paes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 23.

O diagrama esclarece que o mandamento dado inicialmente (de que o coração não deve se perturbar), pode ser cumprido pela ordem dupla de crer (em Deus e em Cristo), motivado pela garantia dada logo a seguir (as muitas moradas que estão na casa do Pai).

### 3.5 Análise literária

A forma de um texto geralmente diz muito sobre a sua interpretação. Uma parábola deve ser lida de forma diferente do trecho de uma carta. Esta por sua vez é diferente de uma profecia, de um salmo, de um provérbio, de uma lei ou de uma história de milagre. O estudo de várias formas literárias que se encontram na Bíblia ajuda muito aqui. O texto, então, deve ser interpretado levando-se em conta a sua forma literária.<sup>28</sup>

A atenção ao gênero literário impede de transformar uma passagem no que ela não é, tanto para mais quanto para menos. A observação da qualidade literária da Bíblia ajuda a destacar sua beleza artística e a mostrar ao intérprete um retrato mais fiel das Escrituras e o modo como o conteúdo é transmitido. Algumas obras podem auxiliar no estudo dos diferentes gêneros literários do Novo Testamento:

- *Princípios de interpretação bíblica*: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários, de Vilson Scholz

- *As formas literárias do Novo Testamento*, de Klaus Berger
- *Entendes o que lê?*, de Gordon D. Fee e Douglas Stuart
- *Hermenêutica bíblica*, de José M. Martinez
- *Metodologia de exegese bíblica*, de Cássio Murilo Dias da Silva
- *Manual de exegese bíblica*, de Douglas Stuart e Gordon D. Fee
- *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*, de Uwe Wegner
- *A interpretação bíblica*, de Roy Zuck
- *Manual de tipologia bíblica*, de Ada Habershon
- *Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos*, de Claiton André Kunz
- *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*, de Claiton André Kunz
- *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*, de Manfred Lurker.

### 3.6 Análise teológica

A Bíblia é a fonte de conhecimentos teológicos. Esses conhecimentos podem ser encontrados de forma explícita ou implícita. Assim sendo, poucas vezes são

<sup>28</sup> MÜLLER. In: FEE; STUART, 2011, p. 284.

encontrados registrados de uma forma sistemática. É tarefa do intérprete sistematizar a doutrina bíblica.

Na Bíblia pode-se encontrar: a) afirmações doutrinárias claras (por exemplo: Jo 4.24 = “Deus é espírito”); b) afirmações doutrinárias indiretas (por exemplo: a eternidade do Filho de Deus não é provada, mas pressuposta em Jo 1.1); c) palavras e frases doutrinárias (por exemplo: redenção, carne, reino de Deus, o Senhor dos senhores, a santificação do Espírito, etc.) e d) textos doutrinários mais extensos (por exemplo: Rm 3.21 a 5.21 = justificação; Rm 8.14-39 = glorificação; etc.).

Neste passo, o intérprete deve identificar se no texto em estudo há algum tema teológico que pode ou precisa ser analisado à luz da teologia sistemática. Neste caso, deve-se recorrer a um manual de Teologia e verificar o que o mesmo pode esclarecer sobre o texto, bem como se outras passagens sobre o mesmo tema teológico possam lançar luz sobre a perícopa em estudo. Abaixo, uma estrutura teológica básica:

**I - Bibliologia:** revelação, inspiração, canonização, preservação, características das Escrituras.

**II - Teologia própria:** definições de Deus, o Ser de Deus, os atributos de Deus, Trindade divina, Deus Pai.

**III - Cosmologia:** os decretos, a criação, a providência, a criação celeste - anjos, demônios e Satanás.

**IV - Antropologia:** a origem do homem, a imagem de Deus no homem, constituição do homem, queda do homem.

**V - Hamartiologia:** definição de pecado, origem do pecado, natureza e características, consequências do pecado.

**VI - Cristologia:** humanidade de Cristo, divindade de Cristo, união das naturezas, heresias sobre Cristo, estados de Cristo, ofícios de Cristo, obra de Cristo - vida, morte, ressurreição, ascensão e volta.

**VII - Soteriologia:** eleição, predestinação e livre arbítrio, conversão, regeneração, união com Cristo, justificação, adoção, santificação, perseverança, glorificação.

**VIII - Pneumatologia:** divindade do Espírito Santo, personalidade do Espírito Santo, promessa do derramamento, cumprimento do derramamento, batismo no Espírito Santo, plenitude do Espírito Santo, obra do Espírito Santo, dons do Espírito Santo.

**IX - Ecclesiologia:** definição de igreja, governo, disciplina, batismo, ceia.

**X - Escatologia:** volta de Cristo, milênio, arrebatamento, tribulação, juízo, ressurreição, estado eterno.

## 4. SÍNTESE

A síntese, como o próprio termo já define, significa um resumo de tudo aquilo que foi verificado anteriormente nos passos da exegese. Usa-se desde os aspectos a respeito do texto (visão geral, delimitação e aspectos da crítica textual) como também do contexto (histórico, literário e cultural).

A tradução feita pelo intérprete deve sempre ser considerada primeiramente, aproveitando neste momento para fazer comparações com diversas traduções existentes do mesmo texto. A análise léxica de termos específicos e chaves, dentro da perícopé em estudo, precisa ser levada em conta. Considerar também aspectos gramaticais do texto, bem como a presença de algum estilo específico do autor. A análise sintática (na qual se percebe a disposição das palavras na frase e a das frases no discurso, bem como a relação lógica das frases entre si) é fundamental para sintetizar o pensamento do autor. Aqui o diagrama de fluxo das orações ajuda e facilita na compreensão do texto.

A análise literária dos diferentes tipos de texto (parábola, profecia, texto histórico, poesia, etc.) precisa ser considerada também. Não menos importante é o que pode ser identificado na análise teológica, comparando-se as ideias centrais com o restante das Escrituras Sagradas e da Teologia como um todo.

Além dos passos da exegese realizados até aqui, mais três aspectos precisam ser levados em conta para esta síntese a respeito do texto. São eles:

### 4.1 Correlação

Correlação significa estabelecer uma relação entre os versículos estudados ou entre as verdades descobertas no texto. A correlação pode ser feita através de alguns meios:

a) **Referências:** quando o conteúdo de uma passagem ajuda a esclarecer o de outra. Pode ser por meio de *referências de palavras* (se há alguma palavra-chave no texto, relacionar com outros textos), *referências paralelas* (por exemplo, relatos de acontecimentos nos evangelhos), *referências correspondentes* (analisar passagens citadas do AT ou mesmo do NT), *referências de ideias* (captar o pensamento do autor e compará-lo com outra passagem) ou *referências de contraste* (por exemplo, a atitude de Jesus e de Eva diante da tentação).

b) **Esboços:** alguns intérpretes preferem usar um esboço minucioso para a correlação de uma passagem. Este tipo de esboço inclui todas as ideias mencionadas no texto sem omitir nenhum pormenor.

c) **Gráficos:** é um dos meios eficientes de captar a unidade de uma passagem, livro ou tópico. Seu propósito é propiciar uma visão geral dos pensamentos principais, e assim relacioná-los uns com os outros. O gráfico não substitui o esboço. Na verdade, o gráfico utilizará o esboço, e será uma das últimas coisas que se fará no estudo de uma passagem. Existem vários tipos de gráficos: gráficos de inspeção geral, gráfico comparativo, gráfico cronológico, gráfico ilustrativo ou ainda gráficos combinados.<sup>29</sup>

O objetivo é correlacionar as várias ideias do estudo umas com as outras. É necessário um pouco de criatividade para este passo, mas ele é essencial para captar e transmitir a ideia central da passagem em estudo.

## 4.2 Atualização

O intérprete de um texto bíblico deve traduzir seu significado em termos apropriados às necessidades de hoje. Sua tarefa é aplicar sempre o ensinamento central do texto à situação de vida da pessoa que está ouvindo sua interpretação. Fee demonstra esta preocupação ao lembrar que todo escrito está num determinado contexto e que, por meio de um processo exegético, deve-se descobrir seu significado, sua lição, com alto grau de exatidão. O que precisa ser feito, então, é traduzir essa mesma lição para o contexto atual, de tal forma que os ouvintes de hoje possam sentir a ira, ou a alegria, que os ouvintes/leitores originais experimentaram.<sup>30</sup>

Zuck afirma que o fato de Deus ter feito algo por alguém no passado não significa que se pode esperar que faça o mesmo nos dias atuais. O que precisa ser feito é identificar o princípio que está contido no texto. Um princípio “é uma afirmação generalizada, deduzida a partir da situação original específica na época e aplicada hoje a situações diferentes, embora específicas”.<sup>31</sup> Zuck afirma ainda que precisam ser tomados dois cuidados: primeiro, que o princípio deve ser extraído do próprio texto; segundo, que se deve ter certeza de que este princípio está de acordo com o restante das Escrituras.<sup>32</sup>

Müller, ao falar sobre a atualização de um texto, afirma:

No que diz respeito às conclusões finais, porém, sobre o sentido do texto, o papel do intérprete é, uma vez consciente do seu horizonte e dos fatores condicionantes que ele encerra, exatamente estar alerta para evitar que essas conclusões sejam manipuladas por ele mesmo (isso representa um certo esforço

<sup>29</sup> Um exemplo interessante de uso de gráficos é de Walter A. Henrichsen, em seu comentário da Carta aos Hebreus: “Depois do sacrifício”.

<sup>30</sup> FEE; STUART, 2011, p. 133.

<sup>31</sup> ZUCK, 1994, p. 331-332.

<sup>32</sup> ZUCK, 1994, p. 333.

por se abstrair e deixar o texto falar). É o tipo de coisa que Bonhoefer queria dizer com 'deixar o texto falar contra nós' (conforme também repetidas declarações de Lutero nesse sentido), se realmente estamos, em nossa prática, contra ele.<sup>33</sup>

### 4.3 Aplicação

“O propósito primário da Bíblia é mudar as nossas vidas, e não aumentar o nosso conhecimento”. Por isso, é necessário praticar na vida cristã diária o que foi estudado. Alguns passos podem ajudar:

a) *Usar o princípio da observação*: durante os vários passos do estudo de um texto, deve-se ir anotando aqueles aspectos que podem ser aplicados. Pode-se perguntar, então: há algum exemplo que se deve seguir? Há algum erro que se deve evitar? Há alguma ordem que se deve obedecer? Há algum pecado que se deve abandonar?

b) *Seguir as regras de interpretação*: uma boa aplicação só pode partir de uma boa interpretação.

c) *Ser seletivo*: escolher uma aplicação possível. É melhor pegar apenas um aspecto e praticá-lo, do que alistar muitos e não poder desenvolvê-los.

d) *Ser específico e pessoal*: resistir à tentação do geral. Deve-se pôr o dedo no centro do problema e apertar. Muitas vezes, enquanto se afirma que o problema é nosso, esquece-se que o problema é **meu**. Durante a aplicação sugere-se que se use a primeira pessoa do singular.

e) *Escrever por extenso a aplicação*: às vezes o orgulho não quer ser visto no papel, mas é necessário escrever a aplicação para que possa ser mais específica e para ser avaliada. Deve-se formulá-la de tal forma que possa ser avaliada. Uma boa aplicação deve prever também uma prestação de contas.

Estes três passos não precisam necessariamente ser feitos em separado. Sugere-se, inclusive, que sejam feitos no decorrer da síntese do texto em questão, sem uma subdivisão específica e detalhada.

## CONCLUSÃO

O método histórico-gramatical procura identificar, por meio das palavras registradas no texto, a intenção do autor. Isto não significa que seja uma leitura superficial do texto, pois lança mão de diversos recursos exegéticos (línguas originais, história, fatores culturais, etc.). Em poucas palavras, pode-se resumir o método em

<sup>33</sup>MÜLLER. In: FEE; STUART, 2011, p. 288.

três etapas: o que o texto diz, o que quer dizer e o que quer dizer para nós hoje. Historicamente, em diversos momentos, o método teve seus representantes, especialmente na Reforma e em tempos atuais.

O método apresenta diversos passos, por meio dos quais o intérprete procura “deixar que o autor diga o que ele de fato quer dizer, em vez de atribuir-lhe o que pensa que ele deva dizer” (Calvino). Assim, o sentido que é buscado no texto é o sentido natural e claro que as palavras e frases conseguem transmitir.

O passo inicial é a familiarização e o estabelecimento do **texto**. Por meio de uma *visão geral*, a partir de diversas observações sobre o texto, o intérprete procura fazer uma primeira aproximação do mesmo. Ainda neste passo inicial, deve-se *delimitar* o início e o final da perícope, de modo que se tenha uma unidade completa de pensamento. Verifica-se, ainda, se há alguma variante no texto original que precisa ser considerada por meio da *crítica textual*.

O segundo passo é a consideração do **contexto** da perícope em estudo. Primeiramente deve-se perguntar pelo *contexto histórico* geral. Algumas das perguntas que devem ser feitas são: “Quem foi o autor do escrito?”, “Quando escreveu?”, “Por que escreveu?”, “Para quem escreveu?”, “Quais as circunstâncias?”. Após o contexto histórico, deve-se analisar o *contexto literário*, perguntando-se por que o autor colocou determinado argumento no lugar onde ele se encontra, ou seja, que relação o argumento tem com o texto imediatamente anterior ou posterior, e também com o livro todo. O terceiro contexto que deve ser analisado é o *contexto cultural*, no qual devem ser considerados os costumes, as crenças, os valores espirituais e materiais das pessoas envolvidas no texto.

O terceiro passo é a **tradução** do texto. Com o auxílio de diversas ferramentas (gramáticas, dicionários, léxicos, chaves linguísticas, etc.), procura-se traduzir da forma mais fiel possível, considerando sempre a equivalência e adaptação para os dias atuais.

O passo seguinte compõe-se de diversas **análises** sobre o texto e a tradução realizada. A primeira análise é a *léxica*, na qual se identifica termos-chave dentro do texto que serão fundamentais para a compreensão do mesmo. Realiza-se então um estudo específico para compreender o significado do termo no texto em questão, no livro todo, na Bíblia inteira e se possível também fora dela. A segunda análise é a *análise morfológica*. Nesta, pergunta-se sobre o porquê de o autor utilizar determinada palavra daquela forma: “Por que ele usou o verbo neste ou naquele tempo verbal?”, “Por que ele utiliza um pronome enfático (que a princípio seria desnecessário)?”,

“Como ele utiliza as preposições e conjunções?”, etc. A *análise estilística* mostra se o autor utilizou algum recurso especial para expressar seu argumento (quiasmo, paralelismo, hipérbole, etc.).

Ainda, dentro das análises, é importante verificar a relação entre as palavras e, especialmente, a relação entre as frases, por meio da *análise sintática*. Uma diagramação do texto ajuda a visualizar melhor estas relações. A *análise literária* pergunta sobre o gênero literário que o autor utilizou (poesia, narrativa, profecia, provérbio, etc.). É essencial interpretar cada texto dentro daquilo que o seu gênero requer. A última das análises é a *análise teológica*, na qual o intérprete irá comparar o(s) tema(s) do texto em estudo com a teologia geral da Bíblia, a partir da estrutura teológica básica.

Finalmente, o último passo do método histórico-gramatical é a *síntese*. Neste passo, faz-se um resumo de todas as descobertas feitas nos passos anteriores, relacionando-as umas com as outras. Acrescenta-se ainda a *correlação* (usando referências cruzadas, esboço, gráficos, etc.), a *atualização* (traduzindo o significado do texto e seus princípios para os dias atuais) e a *aplicação* (procurando verificar como as verdades do texto podem ser colocadas em prática na vida do intérprete e de seus leitores/ouvintes).

## REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara et al. (Edit.). *The Greek New Testament*. 5. ed. London: Sociedade Bíblica Unida, 2014.

ALAND, K. et al. (Edit.). *The Greek New Testament*. 4. ed. London: Sociedade Bíblica Unida, 1994. 1118 p.

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. *O texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: SBB, 2013. 384 p.

BAILEY, Kenneth. *As parábolas de Lucas*. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 381 p.

BARCLAY, William. *As obras da carne e o fruto do Espírito*. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 118 p.

\_\_\_\_\_. **Palavras-chaves do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação.** São Paulo: Vida Nova, 2013. 224 p.

BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento.** São Paulo: Loyola, 1998. 366 p.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Edit.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Trad. Gordon Chown. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 2773 p.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos.** Tradução de Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

COMFORT, Philip Wesley (Edit.). **A origem da Bíblia.** Tradução de Luis Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. 435 p.

CONCORDÂNCIA FIEL DO NOVO TESTAMENTO: grego-português. São José dos Campos: Fiel, 1994. 902 p.

DAHLER, Etienne. **Festas e símbolos.** Tradução de Afonso Paschotte. Aparecida: Santuário, 1999. 156 p.

DANA, H. E.; MANTEY, J. **Manual de gramática del Nuevo Testamento.** El Paso: CBP, 1975. 339 p.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus.** Tradução de Neyd Siqueira. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 528 p.

EDERSHEIM, Alfred. **La vida y los tiempos de Jesus el Messias.** Tomo I e II. Tradução de Xavier Vila. Barcelona: CLIE, 1988. 841 p. e 853 p.

FEE, Gordon D. **Exegesis del Nuevo Testamento: manual para estudiantes y pastores.** Deerfield: Vida, 1992. 139 p.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova, 2011. 336 p.

FRIBERG, Barbara; FRIBERG, Timothy. **O Novo Testamento grego analítico.** São Paulo: Vida Nova, 2006. 860 p.

GEISLER, Norman; NIX, William. **Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós.** Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 1997. 256 p.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, F. W. **Léxico do Novo Testamento grego / português.** Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228 p.

GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos.** Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393 p.

GUSSO, Antonio Renato. **Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2010. 347 p.

HABERSHON, Ada. **Manual de tipologia bíblica.** São Paulo: Vida, 2003.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário.** Tradução de Cecília M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1983. 512 p.

KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos.** São Paulo: ASTE, 2014.

\_\_\_\_\_. Método histórico-gramatical: um estudo descritivo. In: **Via Teológica**, n. 16, v. 2, p. 23-53.

\_\_\_\_\_. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus.** Curitiba: A. D. Santos, 2014.

LASOR, William Sanford. **Gramática sintática do Novo Testamento.** Tradução de Rubens Paes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 192 p.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. **Léxico grego-português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: SBB, 2013. 880 p.

LURKER, Manfred. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. Tradução de João Resende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. 299 p.

LUZ, Waldir Carvalho. **Gramática do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 1991. 3 v.

MARTÍNEZ, José M. **Hermeneutica bíblica**. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1984. 586 p.

MOUNCE, William. **The analytical lexicon to the Greek New Testament**. Michigan: Zondervan, 1993. 542 p.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Editado por Bárbara e Kurt Aland et al. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico do Novo Testamento Grego**. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: SBB, 2010. 575 p.

OSBORNE, Grant. **A espiral hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PACKER, J. I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE JR, William. **O mundo do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 1988. 188 p.

\_\_\_\_\_. **O mundo do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 1996. 184 p.

\_\_\_\_\_. **Vida cotidiana nos tempos bíblicos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. São Paulo: Vida, 2001. 191 p.

PAROSCHI, Wilson. **Origem e transmissão do texto do Novo Testamento**. Barueri: SBB, 2012. 325 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Fundamentos para exegese do Novo Testamento**: manual de sintaxe grega. São Paulo: Vida Nova, 2002. 127 p.

PINTO, Carlos O. Cardoso; METZGER, Bruce M. **Estudos do vocabulário do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1996. 160 p.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. 3. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2014. 425 p.

RIENECKER, F.; ROGERS, C. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Tradução de Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988. 639 p.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento**. Barcelona: CLIE, 1988. 6 v.

SCHOLZ, Vilson. **Princípios de interpretação bíblica**: introdução à hermenêutica com ênfase em gêneros literários. Canoas: ULBRA, 2006. 236 p.

\_\_\_\_\_. **Novo Testamento interlinear grego-português**. Barueri: SBB, 2004. 979 p.

SHEDD, Russell P. Hermenêutica bíblica. In: *VOX SCRIPTURAE*. 1:2 (set. 1991), p. 3-11.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000. 515 p.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008. 377 p.

TAYLOR, William C. **Dicionário do Novo Testamento grego**. Rio de Janeiro: JUERP, 2001. 247 p.

THE ANALYTICAL GREEK LEXICON. Grand Rapids: Zondervan, 1967. 444 p.

VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Vida, 2005.

VAUX, Roland de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento.** Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2004. 624 p.

VIRKLER, H. A. **Hermenêutica avançada:** princípios e processos de interpretação bíblica. 2. ed. São Paulo: Vida, 1998.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento:** manual de metodologia. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal e EST, 2012. 444 p.

ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica.** Tradução de César Bueno Vieira. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.